

## ESTEREÓTIPOS A RESPEITO DE PESSOAS DEFICIENTES

Sadao OMOTE

**RESUMO:** Este artigo apresenta parte dos resultados de um estudo sobre os estereótipos em relação a pessoas deficientes mentais, visuais, auditivos e físicos. Os dados foram obtidos de dois grupos diferentes de sujeitos. A percepção de um grupo difere notavelmente da do outro grupo. Cada grupo percebeu algumas características como sendo comuns às quatro categorias de pessoas deficientes e outras, como sendo distintivas de cada categoria.

**UNTERMOS:** Estereótipos; percepção social; deficientes mentais; deficientes físicos; deficientes auditivos; deficientes visuais.

---

No campo de estudo das deficiências, as principais linhas de investigação orientam-se por um ponto de vista no qual a pessoa deficiente é vista como portadora de um conjunto de características anátomo-fisiológicas e/ou psicológicas que, afinal, caracteriza o quadro de deficiência dela. Assim, na maior parte das investigações, o foco de atenção recai sobre a pessoa deficiente, com descrição de suas características ou proposição de procedimentos que podem modificá-las. As pessoas deficientes têm sido sujeitos preferenciais nos estudos sobre as deficiências, sugerindo esse fato que o fenômeno da deficiência vem sendo encarado como se estivesse circunscrito a nível do indivíduo identificado e reconhecido como deficiente. Para se compreender o que é deficiência, acreditamos ser insuficiente estudar as características das pessoas identificadas como deficientes. Mais do que isso, é necessário estudar as suposições e crenças daqueles que reconhecem aquelas pessoas como sendo deficientes e tratam-nas de modo distintivo.

Essa abordagem centrada na pessoa deficiente já demonstrou sobejamente a sua utilidade na organização de serviços que têm a finalidade de atender os deficientes, treinando-lhes habilidades específicas e minimizando-lhes os efeitos específicos das incapacidades. Entretanto, quando são levantadas questões que vão além daquelas estritamente técnicas de como identificar os deficientes e como treinar determinadas habilidades neles, essa abordagem se mostra inadequada.

A inadequação da abordagem centrada na pessoa deficiente reside principalmente na sua limitação para lidar com a dinâmica psicossocial que envolve a relação entre o deficiente e o

• Departamento de Educação Especial - Faculdade de Educação, Filosofia, Ciências Sociais e da Documentação - UNESP - 17.500 - Marília - SP,

não-deficiente. Quando não é reconhecida essa limitação, a deficiência é estudada como se existisse por si mesma, instalada no organismo de alguém, isto é, como se determinadas pessoas - portadoras ou não de alguma incapacidade - fossem inerentemente deficientes e o tras fossem inerentemente não-deficientes, independentemente da significação que é contada a essas condições e do fato de estas serem ou não conhecidas publicamente.

Tal limitação decorre, em parte, da falta de um estudo crítico e profundo sobre a origem das crenças (aceitas como conhecimentos) acerca das deficiências. Nessa medida, esses conhecimentos podem ser aceitos como se descrevessem rigorosamente os diferentes aspectos das deficiências. Os usuários desses conhecimentos podem não estar suficientemente conscientes das inúmeras e complexas influências que a sua percepção das deficiências sofre, em função da sua história passada, dos seus modos de inserção na sociedade e de relação com os deficientes, etc.

A articulação entre o objeto da percepção, os dados sensoriais e a percepção significativa (ou interpretação) ocorre de tal maneira que é ilícito considerar que o percepto tivesse correspondência isomórfica com o estímulo distal, isto é, o objeto da percepção tal como ele é. O processo de julgamento e interpretação que as pessoas comuns fazem das deficiências e das características dos deficientes deve ser incluído no estudo das deficiências como parte integrante e crucial do fenômeno.

As deficiências não podem ser concebidas apenas como alguma qualidade presente no organismo ou no comportamento de pessoas deficientes, e ausente no organismo ou no comportamento de pessoas não-deficientes. A distinção entre deficiência e não-deficiência depende de algum critério ou padrão, e a identificação e o reconhecimento de alguém como sendo deficiente ou não-deficiente dependem da aplicação desse critério ou padrão a pessoas particulares. A questão da escolha de um dado critério ou padrão como também a sua aplicação a pessoas específicas dependem das forças sociais prevalentes, do grupo ou organização em cujo interior a deficiência adquire um particular significado e ;- constitui num importante problema. Portanto, trata-se de uma questão antes política que lógica ou científica (médica, psicológica ou educacional).

As pessoas não-deficientes organizam e administram seus conhecimentos sobre as deficiências, criando terminologias e categorias às quais as pessoas deficientes poderiam pertencer. Uma vez incluídas numa categoria sob um mesmo rótulo, tendem a ser atribuídas às pessoas deficientes as características previstas nos membros dessa categoria. O procedimento de atribuição se completa, criando-se  $\Sigma$ , em relação ao comportamento dos deficientes, uma espécie de expectativas normativas cuja realização pode ser exigida. Assim, uma pessoa identificada como deficiente e colocada numa categoria definida, e: que se comporta como deficiente pode estar, como alguns autores apontam (9, 15), desempenhando o papel social prescrito para os membros dessa categoria.

O estudo das categorias através das quais as pessoas não-deficientes administram o seu conhecimento sobre as deficiências e o estudo da tipificação que fazem dos membros dessas categorias parecem ser um importante ponto de partida para elucidar algumas questões iniciais sobre a dinâmica psicossocial que caracteriza a relação entre o deficiente e o não-deficiente. Analisamos, a seguir, alguns resultados do estudo por nós realizado sobre os estereótipos em relação a *categorias* de pessoas deficientes (10), sem nos deter no exame dos aspectos conceituais e metodológicos discutidos na literatura especializada nestas seis décadas de tradição de investigação dos estereótipos.

DidJt.ta, São Paulo, 11/11; 167-180, 1986/87.

## ESTUDO DOS ESTEREÓTIPOS DE PESSOAS DEFICIENTES

Foi Lippman (7) quem empregou inicialmente o termo "estereótipo", em 1922; para designar as "imagens em nossas cabeças" que se interpõem entre a realidade objetiva e a percepção que temos dela. O estereótipo assim concebido simplifica a complexa realidade, orientando seletivamente a percepção e podendo até distorcê-la. Quatro anos depois foi publicada a primeira investigação a demonstrar empiricamente a existência de estereótipos ocupacionais (14), realizada por Aice. Os resultados dessa investigação foram confirmados por Litterer, em 1933 (8). Entretanto, foram os estudos de Katz & Braly (5, 6) sobre os estereótipos étnicos que estabeleceram efetivamente uma tradição de investigação de estereótipos, sendo esses estudos tomados como paradigmáticos. A partir daí, até a presente data, foram realizados incontáveis estudos sobre os estereótipos, sobretudo os raciais e étnicos, seguindo-se fundamentalmente o paradigma estabelecido por Katz & Braly.

Apesar dessa longa tradição nessa área de investigação, houve pouco avanço na elaboração do conceito de estereótipos. Os métodos de investigação empregados na maioria das pesquisas sobre os estereótipos, embora apresentem variações, fundamentalmente não diferem do procedimento adotado por Katz & Braly (5, 6). Tudo isso foi detalhadamente analisado no nosso trabalho anterior (10).

Na nossa investigação, o foco de atenção recaiu sobre os estereótipos mantidos por estudantes universitários em relação às categorias de pessoas deficientes mentais, deficientes físicas, deficientes auditivas e deficientes visuais. Foram empregadas essas quatro categorias por serem as mais conhecidas e por estar a Educação Especial no Brasil organizada nessas quatro áreas. Muitos dos outros nomes de deficiências são ou sinônimos ou referem-se a subcategorias de alguma dessas categorias gerais.

Foram utilizados dois grupos de sujeitos. Um grupo foi constituído por 63 estudantes da Habilitação em Educação Especial, nas áreas de Deficientes Mentais, Deficientes Visuais e Deficientes Auditivos, de duas Unidades Universitárias. O outro grupo foi constituído por 63 estudantes de um curso de Pedagogia onde não havia a Habilitação em Educação Especial. Essa constituição de grupos teve a finalidade de obter dados de estudantes que estavam preparando-se para uma futura atividade profissional na área da Educação, porém diferindo os grupos num aspecto relevante, que é a sua relação presente e futura com deficientes. O grupo de estudantes da Habilitação em Educação Especial, doravante referido por grupo E, foi constituído por sujeitos que dispunham, em função do próprio currículo escolar, de informações acerca das deficiências e das pessoas deficientes, bastante diferenciadas das informações de que dispunham os sujeitos do grupo de estudantes de Pedagogia, doravante referido por grupo P.

Para a coleta de dados, foi elaborado um instrumento contendo 140 adjetivos, obtidos em levantamentos previamente. Para cada categoria de pessoas deficientes, os sujeitos apontaram, inicialmente, todos os adjetivos que, na opinião de cada um deles, serviam para caracterizá-la. Em seguida, escolheram, dentre os adjetivos assinalados como sendo característicos de cada categoria, cinco adjetivos que mais intensamente serviam para a caracterização dela. O relato a seguir refere-se apenas a esses adjetivos que cada sujeito apontou como sendo os mais característicos de cada categoria de pessoas deficientes.

## O CONTEÚDO DOS ESTEREÓTIPOS

A análise inicial mostrou que houve uma concentração de assinalamentos em torno de um número relativamente limitado de adjetivos para cada categoria de pessoas deficientes. Muitos desses adjetivos são diferentes de uma categoria para outra e de um grupo de estudantes para outro, atestando que há alguma ocorrência relacionada aos nomes específicos das categorias

Didillica, São Paulo, 22/23; 167-180, 1986/87.

Ded. C 93

Memorial Sadao Omote

Grupos de Pesquisa:

Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade (GP-IDEA-UFSCar)

Diferença, Desvio e Estigma (UNESP/Marília)

Sob Expressa Autorização do Autor (Sem Fins Lucrativos)

170

e aos grupos específicos de sujeitos. Foram, então, organizadas duas listas de *adjetivos* mais frequentemente assinalados para cada *categoria*, sendo uma do grupo E e outra do grupo P. Para a elaboração dessas listas, *doravante* referidas por conglomerados de *adjetivos*, foi utilizado o *critério* de citação por 7 sujeitos no mínimo (11,1%), que corresponde a 3 vezes a frequência que o acaso faria *prever*, se não houvesse qualquer relação entre o assinalamento de *adjetivos* e os nomes *das* categorias.

Os conglomerados de *adjetivos*, apresentados nas Tabelas 1, 2, 3, e 4, representam a caracterização que cada grupo de sujeitos fez de cada categoria de pessoas deficientes. Uma *ra* inspeção dessas *tabelas* mostra que, para uma mesma categoria-alvo, o conglomerado do grupo E e o do grupo P apresentam algumas notáveis semelhanças e diferenças. Pode-se perceber que *entre* os conglomerados de diferentes *categorias-alvo*, também existem notáveis *semelhanças* e diferenças. *Tudo* isso indica a continuidade e a descontinuidade com que diferentes *categorias* de pessoas *deficientes* foram percebidas por grupos de sujeitos que mantinham *diferentes* modos de relação com as pessoas deficientes.

TABELA 1 - Conglomerados de adjetivos dos grupos E e P com referência à categoria-alvo "deficientes mentais"

| grupo E         |    |      | grupo P         |    |      |
|-----------------|----|------|-----------------|----|------|
| adjetivos       | 1  | %    | adjetivos       | 1  | %    |
| *marginalizados | 32 | 50,8 | perturbados     | 20 | 31,7 |
| *dependentes    | 16 | 25,4 | *marginalizados | 18 | 28,6 |
| *rejeitados     | 16 | 25,4 | "dependentes    | 17 | 27,0 |
| *vagarosos      | 10 | 15,9 | agitados        | 11 | 17,5 |
| desajustados    | 9  | 14,3 | "imprevisíveis  | 10 | 15,9 |
| "imprevisíveis  | 9  | 14,3 | incompletos     | 10 | 15,9 |
| sensíveis       | 9  | 14,3 | solitários      | 9  | 14,3 |
| agressivos      | 8  | 12,7 | anormais        | 8  | 12,7 |
| capazes         | 8  | 12,7 | "incoordenados  | 8  | 12,7 |
| carinhosos      | 8  | 12,7 | "irritados      | 8  | 12,7 |
| *incoordenados  | 8  | 12,7 | dúceis          | 7  | 11,1 |
| "irritados      | 8  | 12,7 | inofensivos     | 7  | 11,1 |
| amigáveis       | 7  | 11,1 | rejeitados      | 7  | 11,1 |
| atrasados       | 7  | 11,1 | sofidos         | 7  | 11,1 |
| imitadores      | 7  | 11,1 | *vagarosos      | 7  | 11,1 |
| sociáveis       | 7  | 11,1 |                 |    |      |
| sugestionáveis  | 7  | 11,1 |                 |    |      |

\*Adjetivos comuns aos conglomerados do grupo E e do grupo P.

TABELA 2 - Conglomerados de adjetivos dos grupos E e P com referência à categoria-alvo "deficientes visuais"

| grupo E        |    |      | grupo P        |    |      |
|----------------|----|------|----------------|----|------|
| adjetivos      | 1  | %    | adjetivos      | 1  | %    |
| *capazes       | 17 | 27,0 | *solitários    | 16 | 25,4 |
| *dúceis        | 16 | 25,4 | *esforçados    | 15 | 23,8 |
| marginalizados | 15 | 23,8 | *capazes       | 14 | 22,2 |
| inseguros      | 12 | 19,0 | inofensivos    | 13 | 20,6 |
| *esforçados    | 11 | 17,5 | corajosos      | 12 | 19,0 |
| rejeitados     | 11 | 17,5 | *dúceis        | 12 | 19,0 |
| sensíveis      | 11 | 17,5 | *educados      | 11 | 17,5 |
| *solitários    | 11 | 17,5 | amigáveis      | 10 | 15,9 |
| afetuosos      | 10 | 15,9 | *dependentes   | 9  | 14,3 |
| *humildes      | 10 | 15,9 | sensitivos     | 9  | 14,3 |
| *dependentes   | 9  | 14,3 | sociáveis      | 9  | 14,3 |
| desconfiados   | 8  | 12,7 | *humildes      | 8  | 12,7 |
| "educados      | 8  | 12,7 | ajustados      | 7  | 11,1 |
| ansiosos       | 7  | 11,1 | desprezados    | 7  | 11,1 |
| rompetentes    | 7  | 11,1 | estudiosos     | 7  | 11,1 |
| "trabalhadores | 7  | 11,1 | "trabalhadores | 7  | 11,1 |

\*Adjetivos comuns aos conglomerados do grupo E e do grupo P.

TABELA 3 - Conglomerados de adjetivos dos grupos E e P com referência à categoria-alvo "deficientes auditivos"

| grupo E        |    |      | grupo P       |    |      |
|----------------|----|------|---------------|----|------|
| adjetivos      | 1  | %    | adjetivos     | 1  | %    |
| *agressivos    | 21 | 33,3 | *observadores | 16 | 25,4 |
| "capazes       | 20 | 31,7 | atenciosos    | 14 | 22,2 |
| *agitados      | 18 | 28,6 | "capazes      | 14 | 22,2 |
| desconfiados   | 18 | 28,6 | dependentes   | 12 | 19,0 |
| *observadores  | 18 | 28,6 | esforçados    | 11 | 17,5 |
| "irritados     | 12 | 19,0 | solitários    | 11 | 17,5 |
| marginalizados | 12 | 19,0 | *agitados     | 9  | 14,3 |
| *sensíveis     | 9  | 14,3 | *mudos        | 9  | 14,3 |
| ansiosos       | 8  | 12,7 | inofensivos   | 8  | 12,7 |
| *mudos         | 8  | 12,7 | interessados  | 5  | 12,7 |
| rejeitados     | 7  | 11,1 | "irritados    | 8  | 12,7 |
| sociáveis      | 7  | 11,1 | *agressivos   | 7  | 11,1 |
|                |    |      | amigáveis     | 7  | 11,1 |
|                |    |      | incompletos   | 7  | 11,1 |
|                |    |      | nervosos      | 7  | 11,1 |
|                |    |      | *sensíveis    | 7  | 11,1 |

\*Adjetivos comuns aos conglomerados do grupo E e do grupo P.

TABELA 4 • Conglomerados de adjetivos dos grupos E e P com referência à categoria-alvo "deficientes físicos"

| adjetivo         | grupo E |      | grupo P          |         |
|------------------|---------|------|------------------|---------|
|                  | 1       | 11   | 1                | 11      |
| * marginalizados | 31      | 49,2 | * rejeitados     | 20 31,7 |
| * complexados    | 22      | 34,9 | * simplificados  | 19 30,2 |
| * rejeitados     | 22      | 34,9 | * marginalizados | 18 28,6 |
| capazes          | 18      | 28,6 | sofredores       | 17 27,0 |
| ansiosos         | 18      | 28,6 | * dependentes    | 13 20,6 |
| * sensíveis      | 12      | 19,0 | esquecidos       | 13 20,6 |
| * (O I) -        | 11      | 17,5 | solitários       | 11 17,5 |
| * dependentes    | 8       | 14,3 | * observadores   | 10 15,9 |
| * educados       | 8       | 12,7 | revoltados       | 10 15,9 |
|                  | 7       | 11,1 | trabalhadores    | 10 15,9 |
|                  |         |      | híldes           | 9 14,3  |
|                  |         |      | inofensivos      | 9 14,3  |
|                  |         |      | sensíveis        | 8 12,7  |
|                  |         |      | solitários       | 7 11,1  |

\* Adjetivos comuns aos conglomerados do grupo E e do grupo P.

Nas Tabelas 1, 2, 3 e 4 podem-se observar adjetivos que são comuns ao conglomerado do grupo E e ao do grupo P, para uma mesma categoria de pessoas deficientes. São 7 adjetivos comuns com referência à categoria-alvo "deficientes mentais", 8 em relação a "deficientes visuais", 7 em relação a "deficientes auditivos" e 9 em relação a "deficientes físicos". Além disso, os adjetivos "marginalizados", "rejeitados", "capazes", "sensíveis" são comuns aos conglomerados das quatro categorias-alvo, segundo os dados do grupo E; os adjetivos "dependentes", "solitários" e "inofensivos" são comuns às quatro categorias-alvo, segundo os dados do grupo P.

Alguns outros adjetivos aparecem no conglomerado de uma única categoria-alvo, como se fossem qualidades distintivas dela. O exame detalhado dos dados indica, entretanto, que muitos desses adjetivos foram, na realidade, indicados também para outras categorias-alvo, porém o foram com frequência inferior ao critério previamente estabelecido (citação por 7 sujeitos no mínimo ou 11,1%), razão por que não foram incluídos nos respectivos conglomerados. Alguns desses adjetivos não só constam no conglomerado de uma única categoria-alvo, como também não foram citados nenhuma vez ou muito poucas vezes para as outras categorias-alvo.

Para identificar os adjetivos que, de fato, parecem caracterizar distintivamente uma única categoria de pessoas deficientes, foi estabelecido o valor 7, segundo o critério geral de inclusão dos adjetivos nos conglomerados, para a diferença mínima entre a frequência com que o adjetivo comparece num único conglomerado e a maior frequência com que foi citado nas demais categorias. Procedendo dessa maneira, foram identificados alguns poucos adjetivos para cada categoria-alvo. Tais adjetivos, doravante referidos por adjetivos salientes, estão relacionados na Tabela 5 e correspondem às qualidades distintivas de cada categoria de pessoas deficientes, segundo a percepção dos nossos sujeitos.

Id'11ca, São Paulo, 22/7.1: 167-180, 1986187.

TABELA 5 • Adjetivos salientes identificados nos conglomerados de adjetivos dos grupos E e P, para cada categoria-alvo

| cat. alvo      | grupo E        |    | grupo P      |    |
|----------------|----------------|----|--------------|----|
|                | adjetivos      | 1  | 1adjetivo1   | 1  |
| def. mentais   | vagarosos      | 10 | perturbados  | 20 |
|                | atônitos       | 7  | impulsivos   | 10 |
|                | sugestionáveis | 7  | anormais     | 8  |
| def. visuais   | desconfiados   | 18 | corajosos    | 12 |
|                | atônitos       | 10 | desconfiados | 12 |
|                | humildes       | 10 | educados     | 11 |
| def. auditivos | agitados       | 18 | atenciosos   | 14 |
|                | mudos          | 8  | mudos        | 9  |
| def. físicos   | complexados    | 22 | complexados  | 19 |
|                |                |    | educados     | 17 |

\* Adjetivos salientes comuns aos conglomerados dos grupos E e P para uma mesma categoria-alvo.

A caracterização de uma categoria pode ser feita não só a partir de qualidades percebidas mas também a partir de qualidades não percebidas, especialmente quando se trata de adjetivos não citados para uma única categoria-alvo. Há um certo número de adjetivos nessas condições, para cada categoria-alvo. Dentre eles, alguns se destacam porque receberam uma citação razoável, no mínimo acima do que o acaso faz prever, nas três categorias restantes. Procedendo à competente análise, foram identificados alguns poucos adjetivos não citados para uma única categoria-alvo, mas citados com frequência acima do esperado ao acaso para as três demais categorias-alvo. Tais são os adjetivos "desconfiados" para a categoria-alvo "deficientes mentais", "agressivos" para "deficientes visuais" e "incoordenados" para "deficientes auditivos", no grupo E, e "atentos" e "educados" para "deficientes mentais" e "agressivos" para "deficientes visuais", no grupo P.

No caso desses adjetivos, citados com razoável frequência para três das categorias e nenhuma vez para uma única categoria, talvez pudéssemos sugerir que os nossos sujeitos tivessem excluído efelivamente as respectivas qualidades da caracterização dessa categoria de pessoas deficientes. Assim, poderíamos dizer que, segundo a percepção dos sujeitos do grupo E, os deficientes mentais não são "desconfiados", os deficientes visuais não são "agressivos" e os deficientes auditivos não são "incoordenados"; e, segundo a percepção dos sujeitos do grupo P, os deficientes mentais não são "atentos" nem "educados", e os deficientes visuais não são "agressivos".

A partir da análise dos adjetivos comuns aos conglomerados das quatro categorias de pessoas deficientes, dos adjetivos salientes no conglomerado de cada categoria-alvo e dos adjetivos não citados para uma única categoria-alvo, podemos apontar o que há de comum, segundo a percepção dos sujeitos de cada grupo, às quatro categorias de pessoas deficientes e o que há de distintivo em cada categoria.

Os sujeitos do grupo E perceberam os deficientes mentais, visuais auditivos e físicos como sendo "marginalizados", "rejeitados", "capazes" e "sensíveis". Ao mesmo tempo, esses sujeitos

Id'11ca, São Paulo, 22/7.1: 167-180, 1986187.

Doc. C. 172

tos perceberam cada categoria como sendo distinta das demais, porque tipificaram os deficientes mentais como sendo distintivamente "vagarosos", "atrapalhados e shuge\_o", "deficiente", "distintivamente "dóceis", "afetuosos" e "umil e, "distintivamente "agitados" e "mudos", e os deficientes físicos como sendo distintivamente "complexados". Nessa caracterização distíntiva de cada categoria, podemos acrescentar que os deficientes mentais não são, de modo geral, "confiados", os deficientes físicos não são "agressivos" e os deficientes auditivos não são "mordedores".

Os sujeitos do grupo P, por sua vez, perceberam os deficientes mentais, visuais, auditivos e físicos como sendo "dependentes", "solitários" e "inofensivos". Ao mesmo tempo, esses sujeitos perceberam cada categoria como sendo distinta das demais, porque tipificaram os deficientes mentais como sendo distintivamente "perturbados", "imprevisíveis" e "anormais", os deficientes auditivos como sendo distintivamente "atenciosos" e "mudos", e os deficientes físicos como sendo distintivamente "complexados" e "sufocadores". Nessa caracterização distíntiva de cada categoria, podemos acrescentar que os deficientes mentais não são "alencados nem educados" e os deficientes visuais não são "agressivos".

Esses resultados mostram a existência, segundo a percepção dos nossos sujeitos, de qualidades ou condições compartilhadas pelos deficientes pertencentes a qualquer uma das quatro categorias. Mostram também a existência de qualidades ou condições que distinguem uma categoria da outra de um modo bastante distintivo. Por outro lado, as qualidades ou condições comuns às quatro categorias de pessoas deficientes, percebidas pelos sujeitos do grupo E, são diferentes daquelas percebidas pelos sujeitos do grupo P. Do total de adjetivos apontados por nossos sujeitos - 9 pelo grupo E e 10 pelo grupo P - como sendo distintivos de cada categoria de deficientes, apenas 3 foram indicados por ambos os grupos: "dóceis" para deficientes visuais, "mudos" para deficientes auditivos e "complexados" para deficientes físicos. Portanto, é acentuada a diferença entre a percepção dos sujeitos do grupo E e as dos sujeitos do grupo P acerca das quatro categorias de pessoas deficientes.

#### A DIREÇÃO E A INTENSIDADE DOS ESTEREÓTIPOS

Um outro aspecto interessante dos conglomerados de adjetivos que caracterizam cada uma das quatro categorias de pessoas deficientes, segundo a percepção dos sujeitos do grupo E e dos do grupo P, diz respeito à favorabilidade ou desfavorabilidade dos conglomerados, isto é, o tom afetivo em relação aos deficientes, expresso através desses conglomerados. Corresponde às dimensões direção e intensidade dos estereótipos, tradicionalmente discutidas na literatura especializada e inicialmente sistematizadas por Edwards (1, 2), juntamente com as dimensões conteúdo e uniformidade. A direção indica a favorabilidade ou desfavorabilidade do estereótipo e a intensidade indica o grau de favorabilidade ou desfavorabilidade do estereótipo.

A intensidade do estereótipo tem sido medida de duas maneiras: uma medida é obtida através da desejabilidade dos traços apontados para a categoria-alvo e outra, independentemente desses traços. No primeiro caso, é solicitada uma avaliação de cada um dos traços constantes do instrumento de medida empregado aos próprios sujeitos (4, 17), ou a um outro grupo de sujeitos (6). A segunda medida de intensidade é obtida através da ordenação das categorias-alvo feita pelos próprios sujeitos, de acordo com a sua preferência para se relacionarem com os membros de cada uma dessas categorias (3), ou através dessa ordenação feita por um outro grupo de sujeitos (6). Katz & Braly (6) utilizaram essas duas medidas de intensidade e encontraram uma alta correlação positiva entre elas.

Na nossa análise, calculamos as intensidades dos conglomerados de adjetivos em relação

I)Wjtb,SioPaulo, 22/23: 167-180, 1986187.

a quatro categorias de pessoas deficientes, utilizando a avaliação de adjetivos feita tanto por nossos juizes quanto por nossos sujeitos. Havíamos solicitado a um grupo de Juizes e aos sujeitos de ambos os grupos que anotassem, diante de cada adjetivo, "+", "-" ou "N", de acordo com a opinião de cada um deles quanto a se a característica a que corresponde cada adjetivo seria considerada boa, má ou nem boa nem má, se fosse apresentada por uma pessoa qualquer.

Foram determinadas três valências para cada adjetivo, a partir da avaliação dos juizes, dos sujeitos do grupo E e dos sujeitos do grupo P. A valência obtida a partir da avaliação feita pelos juizes é referida por valência crítica (Vc). A valência obtida da avaliação feita pelos sujeitos do grupo E e a do grupo P são referidas por valência do grupo E - Vg(E) - e valência do grupo P - Vg(P) - respectivamente. Cada uma das três valências foi determinada da seguinte maneira: os adjetivos que receberam a citação "+" por 60% ou mais dos juizes (ou sujeitos do grupo E ou sujeitos do grupo P) foram considerados como denotando qualidades favoráveis; os que receberam a citação "-" por 60% ou mais foram considerados como denotando qualidades desfavoráveis; e os que receberam a citação "N" por 60% ou mais e os que receberam as três citações ou duas delas, cada qual com porcentagem inferior a 60%, foram considerados como denotando qualidades neutras.

Assim, alguns adjetivos podem ter valores diferentes para a valência crítica, valência do grupo E e valência do grupo P. Na prática, a concordância entre essas valências é elevada: 85% entre Vc e Vg(E), 83% entre Vc e Vg(P) e 93% entre Vg(E) e Vg(P), sendo 81% a concordância geral entre as três valências. Vale acrescentar que as poucas discordâncias ocorridas foram envolvendo sempre o valor "N"; portanto, sempre entre valores adjacentes e jamais entre valores extremos "+" e "-".

Um valor de intensidade de cada conglomerado de adjetivos foi calculado, somando-se algebricamente as frequências desses adjetivos multiplicadas por 1, -1 ou 0, dependendo da Vc de cada adjetivo. Um outro valor de intensidade foi calculado, realizando a mesma operação, porém utilizando a Vg(E) para os conglomerados do grupo E e a Vg(P) para os conglomerados do grupo P. Assim, foram obtidos dois valores de intensidade para cada conglomerado, sendo que um corresponde à avaliação dos traços feita pelos juizes e o outro, à avaliação feita pelos grupos E ou P.

As intensidades dos conglomerados calculadas dessa maneira foram obtidas das avaliações predominantes dos juizes e dos grupos de sujeitos. Isto significa que um sujeito pode ter assinalado um determinado adjetivo, tendo feito a avaliação da respectiva característica como nem boa nem má, isto é, tendo avaliado o adjetivo como "N", e no cálculo da intensidade, no entanto, esse adjetivo pode ter sido considerado negativo, em função da predominância de anotações "-" para esse adjetivo, segundo o critério explicitado parágrafos atrás. Há, portanto, a possibilidade de o nosso critério estatístico ter introduzido erro no julgamento da intensidade. Para corrigir esse erro, foi calculado um outro valor de intensidade, a partir do valor do termo (vn), utilizando a fórmula ligeiramente modificada daquela proposta por Vinacke (16, 17).

Para cada adjetivo, o VT foi obtido através da fórmula  $VT = (F-0)/(F+D+N)$ , onde F é o número de citações "+", D é o número de citações "-" e N é o número de citações "N". Semelhantemente à Vg, foram calculados dois VTs para cada adjetivo, sendo um de cada grupo de sujeitos. Desse modo, um terceiro valor de intensidade foi obtido para cada conglomerado, multiplicando-se a frequência de cada adjetivo do conglomerado pelo respectivo VT, e somando-se algebricamente esses produtos.

Didilica, São Paulo, II/23: 167-180, 1986187.

Os três valores de intensidade obtidos a partir de Vc, Vg e VT, para cada conglomerado de adjetivos encontram-se na Tabela 6. Pode-se observar que, no grupo E, o conglomerado relativo à categoria-alvo "deficientes visuais" obteve valores positivos nas três medidas de intensidade. Os conglomerados referentes às outras três categorias obtiveram valores negativos, de menor magnitude aquele correspondente a "deficientes auditivos" e de maior magnitude aquele relativo a "deficientes mentais", em todas as medidas de intensidade. Portanto, o estereótipo em relação a pessoas deficientes visuais é favorável e os estereótipos em relação a outras categorias de pessoas deficientes são desfavoráveis.

No grupo P, o conglomerado da categoria-alvo "deficientes visuais" e o da categoria-alvo "deficientes auditivos" obtiveram valores positivos nas três medidas de intensidade, sendo o primeiro de magnitude maior que o segundo. O conglomerado em relação a "deficientes físicos" referente a "deficientes mentais" obtiveram valores negativos nas três medidas de intensidade, sendo o segundo de magnitude maior que o primeiro. Portanto, o estereótipo em relação a pessoas deficientes visuais e aquele em relação a pessoas deficientes auditivas são favoráveis, e o estereótipo de pessoas deficientes físicas e o de pessoas deficientes mentais são desfavoráveis.

Em ambos os grupos de sujeitos, as categorias-alvo se distribuem ao longo do contínuo desfavorável-favorável, segundo os valores de intensidade dos respectivos conglomerados de adjetivos, na seguinte ordem: deficientes mentais, deficientes físicos, deficientes auditivos e deficientes visuais.

TABELA 6 - Valores de intensidade, calculados a partir de Vc, Vg e VT, e direção dos conglomerados de adjetivos dos grupos E e P em relação às quatro categorias-alvo

| grupo | cat-alvo | Intensidade |      |         | direção      |
|-------|----------|-------------|------|---------|--------------|
|       |          | Vc          | Vg   | VT      |              |
| E     | def.mnt  | -82         | -65  | -69,86  | desfavorável |
|       | del.vis. | 6           | 29   | 24,62   | favorável    |
|       | del.aud. | -6          | -6   | -27,03  | desfavorável |
|       | del.fis. | -49         | -36  | -37,38  | desfavorável |
| P     | def.mnt  | -112        | -102 | -117,33 | desfavorável |
|       | del.vis. | 60          | 89   | 96,40   | favorável    |
|       | del.aud. | 25          | 28   | 34,41   | favorável    |
|       | del.fis. | -63         | -57  | -33,39  | desfavorável |

A comparação entre os valores de intensidade dos conglomerados do grupo E e os do grupo P revela que, nas três medidas, os conglomerados do segundo grupo estão mais dispersos ao longo do contínuo desfavorável-favorável que os do primeiro grupo. As intensidades segundo a Vc, no grupo P, variam de -112 a 60, ao passo que, no grupo E, essa amplitude de variação é de -82 a 6; segundo a Vg, as amplitudes de variação das intensidades são -102 a 89 e -65 a 29; e, segundo a VT, são -117,33 a 96,40 e -69,86 a 24,62, respectivamente. Assim, os conglomerados do grupo P são ou mais acentuadamente favoráveis (como no caso da categoria-alvo "deficientes visuais") ou mais acentuadamente desfavoráveis (como nos casos das categorias-alvo "deficientes físicos" e "deficientes mentais") que os conglomerados do grupo E, em todas as medidas de intensidade. Tudo isto pode ser claramente visto na Fig. 1.

A dimensão intensidade tem sido referida na literatura especializada como sendo aquela que

Witt, Slo P., 2023: 167-180, 1986/87.

denota o tom afetivo manifestado pelos sujeitos em relação a uma dada categoria de pessoas, através do estereótipo. Na percepção dos sujeitos do grupo P, a diferenciação entre as quatro categorias de pessoas deficientes é maior que a diferenciação feita pelos sujeitos do grupo E.

Uma possível explicação pode residir no próprio currículo dos cursos universitários frequentados pelos sujeitos desses grupos. Os estudantes de Educação Especial, das duas Unidades Universitárias a que pertenciam os sujeitos do grupo E, cursaram algumas disciplinas que trataram das deficiências em geral, além daquelas que trataram da deficiência específica da área de Educação Especial escolhida pelo aluno. Nessas disciplinas gerais, o aluno teve a oportunidade de verificar a ocorrência de características e condições comuns a diferentes categorias de pessoas deficientes. Assim, no aprendizado dos estudantes do grupo E, pode ter havido uma certa aproximação entre diferentes deficiências, tanto a nível de informações quanto em termos, sobretudo, da aceitação ou rejeição dessas categorias de pessoas deficientes.

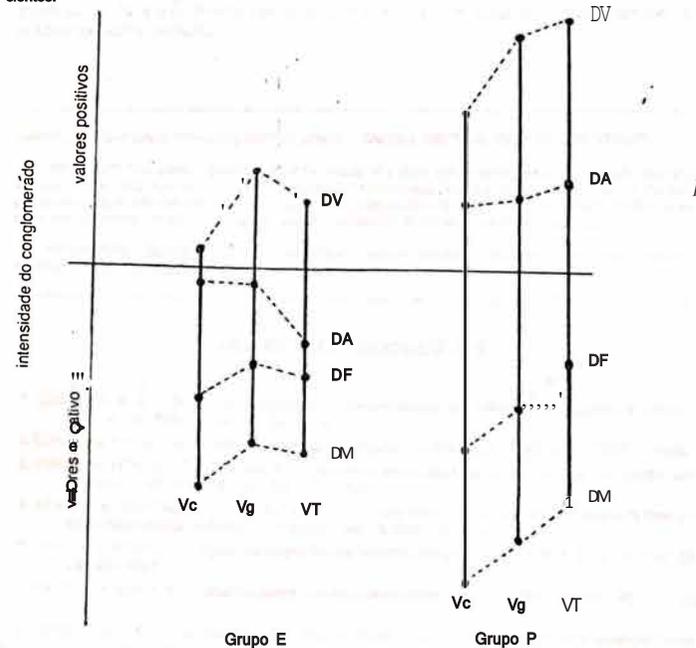


Fig. 1 - Representação gráfica da distribuição das categorias-alvo "deficientes mentais" (DM), deficientes visuais (DV), deficientes auditivos (DA) e "deficientes físicas" (DF), em função dos valores de intensidade dos conglomerados dos grupos E e P, calculados a partir de Vc, Vg e VT.

Didática, São Paulo, 2023: 167-180, 1986/87.

Os sujeitos do grupo P, estudantes do Curso de Pedagogia que não mantinha a Habilitação em Educação Especial, tiveram, por sua vez, poucas informações sobre os deficientes, informações essas que não deviam diferenciar-se muito daquelas veiculadas por meios de comunicação de massa, que tendem a reforçar a concepção leiga de natureza essencialmente qualitativa, que caracteriza cada categoria de deficientes como sendo fundamentalmente diferente das outras categorias.

Parece, portanto, razoável esperar que, em termos de intensidade, os conglomerados do grupo E, em relação a quatro categorias de pessoas deficientes, se diferenciasssem entre si menos do que os do grupo P. Em outras palavras, os estudantes da Educação Especial parecem possuir um quadro de referência diferente do dos estudantes de Pedagogia, quanto ao tom afetivo da relação com os deficientes. Entretanto, os dados de que dispomos não nos permitem concluir se essa diferença é devida a diferentes currículos universitários. Em vez disso, os grupos podem ter apresentado essa diferença antes mesmo de iniciarem seus cursos.

Havíamos verificado, conforme a Tabela 6, que as categorias-alvo "deficientes mentais" e "deficientes físicos" foram tipificadas de maneira nitidamente desfavorável por ambos os grupos de sujeitos. Os deficientes mentais foram tipificados de modo mais desfavorável que os deficientes físicos. Esses resultados, consistentemente encontrados nas três medidas de intensidade, são coerentes com aqueles encontrados por Parish e colaboradores.

Parish *et alii* (13) estudaram os estereótipos mantidos por estudantes da área de Educação, em relação a três categorias-alvo, incluindo crianças "deficientes físicas", "deficientes mentais educáveis" e "deficientes com problemas de aprendizagem", utilizando o Personal Attribute Inventory desenvolvido por Parish *et alii* (11). Esse inventário consiste de 100 adjetivos, sendo 50 de conotação negativa e 50 de conotação positiva, e a tarefa dos sujeitos consiste em assinalar 30 adjetivos que mais bem caracterizaram a categoria-alvo em questão. O escore é dado pelo número médio de adjetivos negativos assinalados por um grupo de sujeitos. Nessas condições, Parish e colaboradores (13) obtiveram os escores 4,49 e 8,87 para as categorias-alvo "deficientes físicos" e "deficientes mentais educáveis", respectivamente. O estereótipo em relação a crianças deficientes físicas foi acentuadamente mais favorável (ou menos desfavorável) que aquele relativo a crianças deficientes mentais educáveis.

Num outro estudo, Parish *et alii* (12) investigaram, utilizando o mesmo instrumento, os estereótipos em relação a seis categorias educacionais de crianças, inclusive deficientes físicas e deficientes mentais, sendo estas últimas rotuladas apenas como "deficientes mentais" e não "deficientes mentais educáveis". Neste estudo, em que foram utilizados dois grupos de sujeitos, os autores obtiveram os escores 6,70 e 8,70 para a categoria-alvo "deficientes físicos" e os escores 13,56 e 16,48 para a categoria-alvo "deficientes mentais".

Em ambos os estudos, Parish e colaboradores encontraram estereótipos mais negativos para a categoria-alvo "deficientes mentais educáveis" ou "deficientes mentais" do que para a categoria-alvo "deficientes físicos", tal como ocorreu em ambos os grupos do nosso estudo. Na realidade, é de se esperar esse resultado, se considerarmos que a integridade física parece não se constituir num fator tão crítico de normalidade, aceitação e integração social como parece sê-lo a integridade mental ou intelectual, sobretudo no meio de pessoas direta ou indiretamente envolvidas na Educação. O resultado poderia ser diferente, se a mesma investigação fosse conduzida com sujeitos diretamente envolvidos em atividades físicas, tais como atletas e professores ou estudantes universitários de Educação Física.

O propósito da pesquisa cuja parte dos dados significativos foi apresentada aqui era o de contribuir para a clarificação do contexto social dentro do qual devem ser analisadas e interpretadas as questões relativas às diferentes deficiências. Esse contexto se refere à percepção

Df-Uliao,SioPaulo,22/23: 167-180, 1986/87.

que as pessoas não deficientes têm acerca das pessoas deficientes. Os resultados apresentados sugerem uma idéia do vasto mundo que diz respeito à percepção e reações de pessoas comuns às deficiências e aos deficientes. Uma plena compreensão das deficiências requer a elucidação desse contexto social, para que a identificação de uma pessoa como sendo deficiente e os modos de funcionamento dessa pessoa pudessem ser interpretados à luz do contexto das relações sociais que ela mantém nos grupos onde é reconhecida e tratada como deficiente.

Essa compreensão requer antes uma linguagem de relações que a de atributos que nós, estudiosos das deficiências, estamos acostumados a utilizar. As deficiências não podem ser vistas simplesmente como atributos inerentes a determinadas pessoas, nem como uma atribuição ilógica por parte de outras pessoas. Em vez disso, parece conveniente concebê-las como uma condição sobreposta a um indivíduo, como resultado da relação entre este e seus "outros" significativos. Do ponto de vista psicológico, uma pessoa só é deficiente na medida em que há quem a considere deficiente.

OMOTE, S -Stereotypes concerning disabled people. *Didática*, São Paulo, 22/23: 167-180, 1986/87.

**ABSTRACT:** This paper presents part of the results of a study about stereotypes of the mentally retarded, visually handicapped, hearing impaired and physically handicapped. The data were obtained from two different groups of subjects. The perception of one group is quite different from the other. Each group of subjects perceived some traits as common to four categories of disabled people and others as specific to each category.

**KEYWORDS:** Stereotypes; person perception; mentally retarded; physically handicapped; hearing impaired; visually handicapped.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDWARDS, A. L. - Studies of stereotypes. I The directionality and uniformity of responses to stereotypes. *J. Soc. Psychol.*, 12: 357-366, 1940.
- EDWARDS, A. L. - Four dimensions in political stereotypes. *J. Abn. & Soc. Psychol.*, 35: 566-572, 1940.
- FERRERA, M. H. M. & RODRIGUES, A. - Estereótipos em relação a alunos de psicologia num campus universitário. *Arq. Bras. Psicotec.*, 20: 9-20, 1968.
- KARLINS, M.; COFFMAN, T. L. & WALTERS, G. - On the fading of social stereotypes: Studies in three generations of college students. *J. Person. & Soc. Psychol.*, 13: 1-16, 1969.
- KATZ, D. & BRALY, K. - Racial stereotypes of one hundred college students. *J. Abn. & Soc. Psychol.*, 28: 280-290, 1933.
- KATZ, D. & BRALY, K. - Racial prejudice and racial stereotypes. *J. Abn. & Soc. Psychol.*, 30: 175-193, 1935.
- LIPPMAN, W. - *Public Opinion*. New York: Penguin Books, 1922. Edição consultada: First American Pelican Books Edition, 1946.
- UTTERER, O. F. - Stereotypes. *J. Soc. Psychol.*, 4: 59-69, 1933.
- MERCER, J. A. - *Labeling the Mentally Retarded*. Berkeley, University of California Press, 1973.

Didática, São Paulo, 22/23: 167-180, 1986/87.

Memorial Sadao Omote

Grupos de Pesquisa:

Identidades, Deficiências, Educação e Acessibilidade (GP-IDEA-UFSCar)

Diferença, Desvio e Estigma (UNESP/Marília)

Sob Expressa Autorização do Autor (Sem Fins Lucrativos)

10. OMOTE, S. - E... d / J p o s c i B - - e m , e l a ç k ) a d i l e - e n e e c a t e g o r i a s / B p e s s , a s d e l l - - S ã o P a u l o , I n s t i t u t o d e P s i c o l o g i a d e S ã o P a u l o , 1 9 8 4 . ( T e s e - D o c t o r a m e n t o )
11. PARISH, T. S.; BRYANT, W. T. & SHIRAZI, A. - The personal attitude inventory. *Perceptual & Motor Skills*, 42: 715-720, 1976.
12. PARISH, T. S.; DYCK, N. & KAPPES, B. M. - Stereotypes concerning normal and handicapped children. *Journal of Psychology*, 102: 63-70, 1979.
13. PARISH, T. S.; EADS, G. M.; FEECE, N. H. & PISCHBLO, M. A. - Assessment and - n p t e d m o d i f i c a t i o n o f l i t e r a t u r e l e a r n i n g a t t i t u d e s a m o n g h a n d i c a p p e d c h i l d r e n . *Perceptual & Motor Skills* 44: 540-542, 1977.
14. AICE, S. A. - "Stereotypes": A source of error in judging human character. *Journal of Personality Research*, 5: 267-276, 1926.
15. SCOTT, R. A. - *The Making of Blind Men*. New York, Russell Sage Foundation, 1969.
16. VINACKE, W. E. - Stereotyping among national-racial groups in Hawaii: A study of ethnocentrism. *Social Psychology*, 30: 265-291, 1949.
17. VINACKE, W. E. - Explorations in the dynamic processes of stereotyping. *Social Psychology*, 43: 105-132, 1956.

Recebido para publicação em 11.03.87

texto  
06